

## OS VÁRIOS RECÔNCAVOS E SEUS RISCOS

Maria de Azevedo Brandão\*

A primeira idéia a firmar sobre o Recôncavo, ou sobre qualquer região, é de que um território só constitui a base de uma região se ele comportar um conjunto de subsistemas fisicamente distintos, porém, cultural, social e economicamente interdependentes. Como assinala Milton Santos:

O Recôncavo foi sempre mais um conceito histórico que mesmo uma unidade fisiográfica [...] [Aos] caracteres fisiográficos correspondeu uma diferente utilização do solo, que, ainda hoje [1959], de certo modo perdura. Os solos pobres do cristalino serviram a culturas alimentares, tanto no norte quanto no sul. Os tabuleiros terciários foram o habitat ideal para o fumo. A série Santo Amaro deu o fofo massapê, onde há quatrocentos anos se planta incessantemente a cana-de-açúcar. Esta, aliás, em período de maior procura, desbordou seu limite ecológico e avançou por áreas diferentes, sobretudo as da formação São Sebastião, mas tem recuado, conquanto as usinas continuem guardando essas terras como reserva de lenha para suas fornalhas.

A unidade do Recôncavo provinha e provém [1959] das relações mantidas de longa data entre suas várias porções com vocação e atividade diferentes (Recôncavo canavieiro, Recôncavo fumageiro, Recôncavo mandioqueiro e da cerâmica, sem falar nas zonas pesqueiras beirando mais proximamente o litoral, e do Recôncavo ao norte da cidade, servindo-a de lenha e carvão vegetal) [parêntesis no original]. Salvador presidia a esse espaço, coordenando as suas funções diretoras.<sup>1</sup>

Esta posição é a mesma em outros textos, como na monografia clássica de Luiz de Aguiar Costa Pinto sobre o Recôncavo<sup>2</sup>. Foi assim que esta região foi compreendida até a década de 1970, quando surgiu a noção de “região homogênea”, um conceito ahistórico, vazio, adotado na literatura governamental.

Aqui tratarei de um Recôncavo que, embora múltiplo e assim concebido em todos os trabalhos sérios, precisa ser retomado por inteiro em favor da sua cultura e da ação intermunicipal articulada em benefício de seu meio natural e de seu povo.<sup>3</sup> Focalizo a fragmentação dos últimos sessenta anos, o abandono e desrespeito a sua história, os novos riscos que o ameaçam e a necessidade de uma discussão que envolva todas as suas sub-regiões, seus diferentes grupos sociais, instituições e lideranças locais.

O primeiro ponto a salientar é a recuperação da relação Salvador-Baía de Todos os Santos-Recôncavo, crucial para o Recôncavo e importante para a Capital. O segundo é a sinalização para a

---

\* Livre-docente em Sociologia com Pós-Doutorado na Universidade de Paris, consultora em planejamento e estudos regionais e urbanos, professora da Universidade Federal da Bahia.

<sup>1</sup> SANTOS, Milton. A rede urbana do Recôncavo. In: BRANDÃO, Maria de Azevedo (org.). *Recôncavo da Bahia; sociedade e economia em transição*. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado; Academia de Letras da Bahia; Universidade Federal da Bahia, 1998, p. 59-100. Texto original de 1959.

<sup>2</sup> COSTA PINTO, L. A. *Recôncavo: Laboratório de uma experiência humana*. Rio de Janeiro: Centro Latino-Americano de Pesquisas em Ciências Sociais - UNESCO, 1958.

<sup>3</sup> Sobre o caráter plural e ao mesmo tempo unitário como região, por parte do Recôncavo, sua relação com a Baía de Todos os Santos e com Salvador, ver BRANDÃO, Maria de Azevedo. Cidade e Recôncavo da Bahia. In: BRANDÃO, M. A. (org.). *Recôncavo da Bahia; sociedade e economia em transição, op. cit.*, p. 27-58.

relação entre o Recôncavo e o Baixo Sul, região dos Tabuleiros de Valença, a faixa litorânea ao sul da foz do Jequiriçá até a Baía de Camamu.

Com uma superfície de aproximadamente 1.000 km<sup>2</sup> e uma orla de quase 200 km, é a Baía de Todos os Santos a maior da costa brasileira. Até a primeira metade do Século XX, as terras em volta d'água, com cerca de 1.400 km<sup>2</sup> segundo a definição oficial na época – foram o cenário de um complexo sócio-econômico centrado na produção e exportação do açúcar e do fumo, incluindo várias outras atividades, distribuídas entre diferentes segmentos de uma região que alcançou mais de 16.000 km<sup>2</sup>, se considerado também o Baixo Sul, que veio a incorporar-se à economia do Recôncavo como área produtora, sobretudo de alimentos. As afinidades culturais entre as duas regiões não podem ser ignoradas, ainda que as duas correspondam a unidades fisiográficas distintas e tenham sempre se identificado como tal.<sup>4</sup>

O Recôncavo histórico e cultural – área da Grande Salvador – está contido, na face litorânea da Zona da Mata, entre os rios Sauípe e Jequiriçá, formando uma faixa em semicírculo de cerca de 50 a 70 km de largura, em torno da Baía de Todos os Santos. Vem daí sua designação de Recôncavo da Bahia ou simplesmente Recôncavo, e não Recôncavo *Baiano*, como o vêm denominando os documentos oficiais.<sup>5</sup>

Se respeitados os seus limites históricos e culturais, quarenta municípios compõem o Recôncavo: Amélia Rodrigues, Aratuípe, Cachoeira, Camaçari, Candeias, Catu, Conceição do Almeida, Conceição de Feira, Conceição do Jacuípe, Cruz das Almas, Dias D'Ávila, Dom Macedo Costa, Governador Mangabeira, Itanagra, Itaparica, Jaguaripe, Lauro de Freitas, Madre de Deus, Maragogipe, Mata de São João, Muniz Ferreira, Muritiba, Nazaré, Pojuca, Salinas da Margarida, Santo Amaro da Purificação, Santo Antonio de Jesus, São Felipe, São Felix, São Gonçalo dos Campos, São Francisco do Conde, São Sebastião do Passé, Sapeaçu, Saubara, Simões Filho, Teodoro Sampaio, Terra Nova, Varzedo e Vera Cruz<sup>6</sup> e Salvador, considerada parte do Recôncavo até a criação da Região Metropolitana de Salvador - RMS.<sup>7</sup>

Essa é a delimitação com que o Recôncavo chega ao século XX e assim permanece nas estatísticas e cartografia oficiais até o final da década de 1970, sem mencionar grande parte da produção técnica que, nos anos de 1980, continuam a tomar a região segundo aqueles limites. Ainda em 1997, um pequeno jornal impresso em Salvador, *Jornal Cidades do Recôncavo* – ilustrava sua página de capa com um mapa do Recôncavo em sua concepção tradicional.

Quanto à relação com a Capital, por quatro séculos a *Cidade da Bahia (Baía de Todos os Santos)*, ou *Salvador da Bahia (Baía)* teve por região o Recôncavo. Mas, sobretudo entre a Abolição e a década de 1950, o Recôncavo perdeu progressivamente sua antiga importância econômica e política. Daí aos primeiros quarenta anos do século passado foram sendo desorganizados os arranjos de produção e reduzidos os circuitos de tráfego intra-regional por mar e terra. Nem por isso o Recôncavo deixou de manter muito de sua paisagem regional e da dignidade das cidades de antes. Não mais, a partir dos anos 1950.

Desde o final dos anos quarenta do último século, chegaram ali pela primeira vez a energia produzida pela Companhia Hidroelétrica do S. Francisco – CHESF – e as ações inicialmente do Ministério da Agricultura, depois do Conselho Nacional do Petróleo e finalmente da Petróleo Brasileiro S.A. – Petrobras. Com seus campos de pesquisa e lavra, a Petrobras esvaziou matas, roças e fazendas e cortou o Recôncavo com estradas que ignoraram seus velhos caminhos. Criou uma riqueza inquestionável, elevou a renda pública de alguns municípios, mas não revitalizou a região no seu

<sup>4</sup> Cf. SANTOS, Milton. Os outros Recôncavos. *A Tarde*, Salvador, 30 de nov. de 1963.

<sup>5</sup> Vale observar que o termo *recôncavo* aparece, na maioria dos documentos, até o terceiro quartel do século XX, em minúscula, como uma referência às terras em torno da Bahia de Todos os Santos, o que mais uma vez reitera a impropriedade da expressão Recôncavo *Baiano*.

<sup>6</sup> Esta lista e outras referências a unidades municipais não consideram desmembramentos eventualmente ocorridos após 2000.

<sup>7</sup> Compõem a RMS os municípios de Salvador, Lauro de Freitas, Camaçari, Dias d'Ávila, Simões Filhos, Candeias, S. Francisco do Conde, Madre de Deus, Itaparica e Vera Cruz.

conjunto. Atingindo profundamente a estrutura social das áreas impactadas, atraiu migrantes de outras regiões elevou o custo de vida e contribuiu para desorganizar e reduzir o padrão de vida dos mais pobres.<sup>8</sup> As cidades históricas de São Félix, Maragogipe, Santo Amaro, Cachoeira, Nazaré, Jaguaribe, bem como o circuito de casarões e templos rurais, continuaram a morrer.

Pelo meado da década de 1960, o Governo do Estado criou, à margem norte da Baía de Todos os Santos, o Centro Industrial de Aratu-CIA, para atrair investimentos beneficiados pelos incentivos fiscais administrados pela Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste – a SUDENE e reforçados pelo Governo do Estado. Os investimentos pouco vieram e pouco se reproduziram, mas o Porto de Aratu, criado na ocasião, continuou a crescer. A partir dos anos 1970, com a criação da Região Metropolitana de Salvador, em 1973, consolidou-se a segmentação entre Salvador e o Recôncavo. A RMS tomou para a si as ilhas da baía, os municípios *petroleiros* de Candeias e São Francisco do Conde e um arco de municípios vizinhos à Capital. Mais tarde, criou-se, no Recôncavo Norte, o Complexo Petroquímico de Camaçari – COPEC (1971), a nordeste do CIA, sem um verdadeiro cuidado relativo à cultura, ao meio ambiente e às potencialidades econômicas dessa subregião.

Em conseqüência, 400 km<sup>2</sup> definidos como área institucional do CIA passaram a bloquear os caminhos à beira-mar entre Salvador e seu Recôncavo e um enclave de mais de 300 km<sup>2</sup> referente ao Complexo Petroquímico contém um insólito sanduíche composto pela implantação do segundo complexo petroquímico do país entre as sedes dos municípios de Camaçari e de Dias d’Avila – antiga estância hidromineral. Hoje este local está inviabilizado como lugar de turismo e veraneio, pela poluição atmosférica e pelo receio dos riscos de contaminação aquífero de São Sebastião, sobre o qual operam as plantas do COPEC e de novas indústrias vizinhas.

Por sua vez, desde o meado da década de 1970, os textos do Governo Estadual passaram a se ocupar quase exclusivamente da RMS.<sup>9</sup> E o termo *recôncavo* começou a excluir a própria RMS e os municípios ao norte e oeste desta, reservando-se hoje aquela designação, qualificada como *Recôncavo Sul*, aos municípios ao sul da RMS, acrescentados de 14 municípios ao Sul do Médio Paraguaçu e de parte do vale do Médio Jiquiriçá, alguns já em pleno semi-árido e sem maiores afinidades com o Recôncavo.

A poluição hídrica e atmosférica decorrente da nova industrialização não demoraria a somar-se à vazão antiga de esgotos sanitários, do vinhoto gerado pelos engenhos e usinas e dos efeitos do desmatamento e da mineração nas terras altas a oeste. Há registros de poluição hídrica por cádmio e chumbo, entre 1958/79, de manganês, entre 1961/80, de mercúrio, entre 1968/80 e de óleo, 1992. Ainda agora, em 2007, o que se chamou de *maré vermelha* matou grande quantidade de peixes. Segundo Ronan Cayres de Brito, uma grande descarga de águas doces, atípica para o mês de fevereiro, ocasionou o fenômeno, que

“pode ter sido causado pela abertura das comportas da barragem de Pedra do Cavalo (no Baixo Paraguaçu).” De acordo com esta hipótese, “os sedimentos do fundo da barragem, que contém micronutrientes, teriam sido despejados na baía [...], servindo de alimento natural para as algas, que proliferaram [...] Maré calma, sol forte e temperaturas elevadas – teriam contribuído para o fenômeno.”<sup>10</sup>

Ronan C. Brito chama ainda a atenção de que

---

<sup>8</sup> AZEVEDO, Thales de. *Problemas Sociais da Exploração do Petróleo na Bahia*. Salvador: Imprensa Oficial da Bahia, 1959 e 1960.

<sup>9</sup> Cf. BRANDÃO, Maria de Azevedo; Meio Século de propostas sobre o planejamento regional da Salvador. In: BA-SEI. *Planejamento na Bahia*. Salvador: BA-SEI, 2001. Gravação eletrônica.

<sup>10</sup> BRITO, Ronan C. Comunicação técnica sobre a Maré Vermelha, 2007 ([www.ondazul.org.br](http://www.ondazul.org.br))

o descobrimento dos espaços do Litoral Norte, inicialmente pela Estrada do Coco e posteriormente pela abertura da Linha Verde, drenou enormes negócios imobiliários. [...] Das relações culturais diretas entre Salvador e o seu Recôncavo, restaram as que respondem pela tradição, pela música que é forte, e por aquelas que se vê nos vai-e-vem dos *Ferry Boats*. [...] Mas isto ainda é pouco; na melhor das hipóteses reaviva algumas memórias saudosistas dos tempos dos veraneios na velha Itaparica, e em Mar Grande e Jeribatuba. Madre de Deus fica calada, não pode mais nem se mexer; os *pipelines* da Petrobras a condenaram a não mais ver as suas ilhas companheiras.

E, como biólogo e ambientalista, insiste:

Problemas graves de saneamento e de impactos industriais em uma escala perigosa ameaçam a qualidade ambiental de toda a região. A desinformação e a falta de políticas enérgicas de urbanização comprometem o patrimônio histórico e contribuem para a instalação de cidades e vilarejos insustentáveis em todos os aspectos.<sup>11</sup>

No presente, o Recôncavo e a Bahia de Todos os Santos enfrentam novos riscos que não podem ser ignorados. O primeiro é a descoberta da região como destino turístico, com todas as implicações sobre a cultura, a vida social e o mercado imobiliário; o segundo é a advento da era do biodiesel, que certamente se aproximará de suas redondezas com seu impacto sobre o uso da força de trabalho, a distribuição da renda e o tecido urbano; e finalmente, mais uma vez, a presença da Petrobrás, cujo impacto positivo ou negativo é geralmente reconhecido em termos econômicos e ecológicos, porém jamais em suas conseqüências sobre as relações sociais e a cultura.

Qual será o novo destino do Recôncavo sob a mercantilização de sua cultura, o apetite dos grandes empreendimentos turísticos, agrícolas e outros e o ativo desembaraço da especulação imobiliária urbana, rural, das áreas da praia e do espelho d'água da Baía de Todos os Santos?

Recompor a velha paisagem do Recôncavo é evidentemente impossível. Porém certamente será possível construir **uma nova concepção de desenvolvimento e organização territorial**, a partir da qual se possa assegurar um melhor equilíbrio ambiental à área, condições de vida mais satisfatórias e a afirmação cultural de Salvador e sua região.<sup>12</sup>

As questões que marcam a situação atual do Recôncavo levam à necessidade de um sério debate com bom nível técnico, porém com participação social ampla – um **Fórum do Recôncavo** – que não poderá ser um encontro episódico, mas um processo complexo e profundo de discussão sobre desenvolvimento sócio-econômico, valorização do patrimônio cultural e urbano e planejamento territorial.<sup>13</sup> Quem sabe, a recém-criada Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB- não poderá ser a alavanca desta proposta?

---

<sup>11</sup> BRITO, Ronan C. *Programa de Desenvolvimento Sustentável da Baía de Todos os Santos e do seu Recôncavo: bases para a sua implementação*. Fundação ONDAZUL; Universidade Federal da Bahia, Salvador, out. 2006. Mimeo.

<sup>12</sup> BRANDÃO, M. A. *Projeto Recôncavo*. Salvador: Centro do Planejamento Municipal - Prefeitura Municipal, 1993.

<sup>13</sup> Desde 1979 tentamos atrair, sem êxito, o interesse de órgãos públicos por um Projeto Recôncavo. Já produzimos vários textos, entre os quais “Uma Região para Salvador”, 1979; “Subsídios Preliminares para um Documento Sobre a RMS: Uma Nova Região para Salvador”, 1980; “Projeto Recôncavo”, 1993; Fórum do Recôncavo, 1997. No mesmo ano, com recursos de um prêmio ganho em 1996 do extinto Banco do Estado da Bahia-BANEB, organizamos um seminário – *Recôncavo da Bahia; Cenários e Perspectivas* – realizado na Associação Comercial da Bahia em 23-25 de setembro de 1997, como um seminário técnico preparatório do Fórum do Recôncavo. Entre professores da UFBA, Ronan C. Brito tem sido um dos signatários de várias advertências e propostas, sobre o Recôncavo, porém há, na UFBA, outros autores pesquisadores que tem se ocupado sobre o assunto.